5

Pesquisa de campo

5.1

Os surdos como alunos e a significação dos seus estudos

A comunicação em português ou em LIBRAS mal sinalizada gera emoções fortes nos surdos que podem se transformar em sentimentos bastante negativos. A aquisição de conhecimento por eles é prazerosa como acontece com os ouvintes, desde que não se criem sentimentos ruins a partir de emoções geradas na falta de comunicação pela ausência da LIBRAS, o que pode ocasionar a significação de mudez, ausência, abandono, distanciamento, desprezo etc.

Foram feitos três tipos diferentes de entrevistas com surdos com o objetivo de coletar dados que fazem parte do cotidiano de alunos surdos:

- entrevistas individuais com cinco surdos estudantes do curso Letras-LIBRAS;
- entrevistas individuais com sete alunos surdos de cursos diversos;
- roda de conversa com sete surdos, sendo seis destes, alunos do curso Letras-LIBRAS.

Em determinada etapa da pesquisa de campo me deparei com situações especialmente intrigantes: os alunos surdos ora eram enfáticos em associar os estudos a momentos desagradáveis, ora se contradiziam em relação aos estudos e principalmente em relação aos seus sentimentos para com os estudos.

Sempre que o assunto era estudo ou alguma coisa relacionada a isto, os entrevistados se ativeram a analisar a origem dos sinais e a própria LIBRAS, como, por exemplo, quando foi trabalhado o significado de "lápiz" e "caneta" e o uso destas coisas. Nestes casos, nenhum dos entrevistados demonstrou vínculo pessoal com estes objetos, pois ninguém falou que escreve ou que usa lápis ou

caneta para escrever. Não demonstraram intimidade com estes pequenos bens, e falaram deles sempre como algo distante, descolados de si mesmos e de sua prática e uso, isto é, sem nenhum sentimento de pertencimento, e os depoimentos foram unânimes em deturpar o sentido da pergunta e passar a se referir à origem dos respectivos sinais de lápis e de caneta em língua de sinais, numa demonstração clara, para mim, de que esta era a única forma que tinham de estabelecer um vínculo com os referidos objetos.

Quando o tema proposto foi o livro e o caderno, houve uma repetição de análise da língua de sinais, com referências à origem dos sinais "livro" e "caderno" e a mímica do uso dos objetos etc. Mas novamente ninguém se "conectou" com o livro nem com o caderno, ninguém falou que lê ou aprende algo nos livros nem que escreve idéias ou desenha coisas nos cadernos, assim como não houve quem citasse a possibilidade de se estudar nos livros. Não demonstraram intimidade com os objetos, pois falaram deles sempre como algo distante, da mesma forma que os demais relacionados com estudos, ou seja, descolados de si mesmos e de sua prática, sem nenhum sentimento de pertencimento. Ao contrário, um dos alunos afirmou que o livro se trata de um objeto específico de ouvintes, que quando os surdos os manipulam o fazem de maneira superficial e isto foi interpretado pelos demais como uma fala aparentemente divertida, pois todos riram muito, apesar de estar implícita uma gama enorme de sentimentos negativos, inclusive de frustração, a partir de um desejo depositado sobre algo que é tido como inatingível, colocado em um local idealizado, que é o local do desejo, mas ao qual eles não teriam direito: um local apenas para os ouvintes, que são as pessoas que falam e dominam a língua na qual estão os escritos nos livros, ou seja, que seriam os "normais".

Ao responderem sobre o significado de "estudar", houve sempre associações como as já citadas ressignificações das letras como "formiguinhas" e também uma total significação dos estudos como representações de estagnação, prisão, obrigação, dever etc. como por exemplo:

- Estudar é ficar preso lendo, estudando.
- Estudar é para fazer prova, ficar preso para se preparar para a prova.
- Estudar? Ih... Nem sei o que isso significa, não tenho nenhum sentimento em relação a estudar.

Além dessas respostas bastante objetivas, houve algumas que escamoteavam os sentimentos, como por exemplo:

- Estudar é ótimo, eu adoro estudar e sempre gostei de estudar. Se não estudo me sinto mal, sinto que falta alguma coisa.

Ao responder dessa forma, a aluna foi imediatamente questionada pelos demais colegas:

- Mas você gosta mesmo? Estudar o que?
- Gosto de estudar qualquer coisa, gosto muito de estudar. –retrucou a aluna, e esta afirmação causou um profundo silêncio entre os demais, e não se falou mais no assunto. No entanto, mais adiante, quando falavam de leitura, a mesma aluna que afirmava gostar de estudar disse que só lia revistas em quadrinhos, pois era a única coisa que conseguia ler e entender. Outra aluna afirmou que:
- Ler é viajar, imaginar, mas eu leio e não compreendo nada, não viajo porque não sei português. Se eu pudesse ler tudo em Sign Writing seria bem melhor.

Ora, sabemos que estudar é uma atividade que pressupõe, entre outras coisas, ler e escrever. Então como é possível um surdo estudar, se ele não lê nem escreve?

Ao fazer as entrevistas, os surdos tiveram resistência e dificuldade até mesmo para entender o que se queria com as perguntas feitas sobre o significado de ler, estudar, caderno, livro etc. Ao contrário, quando foram feitas as mesmas perguntas em relação à alimentação ou sexualidade, estas foram imediatamente entendidas e respondidas de maneira sempre pessoal e demonstrando que eram ações que faziam parte do cotidiano dos entrevistados.

Em relação às interfaces dos programas do curso Letras-LIBRAS, constateei uma quase unanimidade pela preferência e entendimento do conteúdo programático em LIBRAS, expressa por respostas claras e objetivas, como por exemplo:

- No curso Letras-LIBRAS eu gosto da parte de pesquisa, penso no futuro poder dar aula e fazer pesquisas. (A pergunta foi repetida, enfatizando que ele deveria falar da interface do ambiente virtual). Desculpe... Bem,

eu gosto muito das janelas em que o conteúdo nos é passado em LIBRAS, pois é objetivo, claro, direto. Gosto muito.

- Eu só gosto do que está em LIBRAS.

O primeiro aluno entrevistado acima se contradisse ao afirmar que gosta da organização dos textos e o seu conteúdo na primeira pergunta e, logo na segunda pergunta, afirmou que não gosta do excesso de textos em português, pois tem dificuldade em entendê-los.

Outro aluno listou as duas coisas que não gosta, e me parece sintomático que estejam diretamente relacionadas com a escrita, ou seja, Chat e e-mail; portanto, para uma atividade que ele já tem dificuldade, seria necessário pensar em soluções que pudessem deixar as interfaces mais claras e fáceis de manipulação.

Outra observação interessante no depoimento de outro aluno é a referência que ele fez à sinalização através de cores para demonstrar uma condição ou estado. No caso, ele sugeriu que as pessoas que estiverem online no site possam ser representadas por uma cor diferente das que estiverem offline, ou seja, sugere que se utilizem símbolos que não sejam a língua portuguesa escrita, corroborando o que Thoma afirma (2005: p.135) que, no caso dos surdos, a imagem não pode ser compreendida apenas como uma função meramente motivacional, colocada para criar interesse no aluno. Ela deve ser vista como parte integrante do processo de significação de dados e como auxílio para o aluno compreender o conteúdo programático. Assim, concordo com a autora (2005: p.135) quando esta afirma que uma atividade de letramento que pode ser realizada com alunos surdos é a leitura de imagens, ou seja, utilizar-se a imagem adequadamente como recurso cultural que permeia todos os campos de conhecimento e que traz consigo uma estrutura capaz de instrumentalizar o pensamento, já que o letramento visual possibilita aos surdos, que –repito- tem experiência visual de vida, diferentes funções, como por exemplo, ler imagens do entorno; ler imagens de livros ilustrados; usar imagens como apoio para leitura de texto simples; ler sinais, símbolos e figuras no ambiente escolar com o objetivo de promover a aprendizagem.

Seguindo na análise dos resultados das entrevistas, encontrei outra declaração significativa, que foi a de um aluno que afirmou que não gosta das

etapas técnicas a serem cumpridas para se conseguir o envio de informativos e exercícios, e deixou claro que é muito importante e ruim a perda de qualidade de imagem, pois prejudica visualmente o texto sinalizado em LIBRAS, quando este é feito em um arquivo de imagem, ou seja, um clipe.

Outro aluno do curso da UFSC se refere à LIBRAS como sua "L1", ou seja, como sua língua mãe, sua primeira língua, e dá uma sugestão bastante interessante para a melhoria do curso, que é a de fazer a tradução em vídeo, em LIBRAS, de exemplos do que tratam os textos em português, já que há um impedimento real de tempo e de questões técnicas e orçamentárias para a tradução de todo o conteúdo do curso para DVD. Constatei que esta prática já está implementada em vários textos do curso.

Outro aluno do Letras-LIBRAS se contradisse ao afirmar que as ferramentas de Chat e e-mail são difíceis de manejar e, depois, disse que tudo no ambiente virtual é de fácil navegação. Parece-me que este aluno, sendo uma pessoa que tem acesso ao computador e que por isto está familiarizado com a linguagem virtual da informática composta -grosso modo- de cliques e ícones, no geral considera que é tudo fácil, mas quando se especifica uma atividade que envolve escrita mais consistente, como o Chat e o e-mail, aí então surgem as dificuldades.

A facilidade de entendimento do conteúdo em LIBRAS também é citada objetivamente por outro aluno desse curso. Aliás, este é um fato que aparece em todos os depoimentos, assim como as dificuldades de entendimento do português, seja quando o aluno fala da sua dificuldade de navegação quando há texto escrito em português, ou quando afirma a sua facilidade quando o assunto tratado está em LIBRAS.

A questão da dificuldade com o português aparece em absolutamente todos os depoimentos e, em contrapartida, fala-se muito na facilidade de entendimento do que está em LIBRAS. É interessante perceber que estas considerações são invariavelmente feitas de forma antagônica entre a LIBRAS e a língua portuguesa, sendo que esta nunca aparece como um contraponto daquela, mas sim como um entrave ao conhecimento e ao entendimento.

Um entrevistado demonstrou a sua consciência sobre a importância do curso Letras-LIBRAS para o seu próprio futuro, e ratificou a inadequação da forma das interfaces gráficas à percepção surda, afirmando categoricamente que não se envolve emocionalmente, assim como outro aluno, que também fala de uma forma

politizada, com consciência da importância do curso Letras-LIBRAS para a sua comunidade, mas não se envolve emocionalmente como aluno. A única expressão de emotividade veio de um aluno que trouxe à tona o antagonismo entre ouvintes e surdos, com o sofrimento dos surdos e, em contrapartida, de seus sentimentos positivos e felicidade em participar do curso Letras-LIBRAS.

5.2

O mundo imagético do cinema como recurso de investigação

Utilizei algumas manifestações da linguagem do cinema como base para investigar como os ambientes de estudo podem significar algo prazeroso para os surdos e o que isto pode ser aproveitado para o desenvolvimento e melhoria dos cursos para esta população.

Foram feitas perguntas sobre cinema a alunos surdos para que eu pudesse compreender melhor como eles interagem com a aquisição de conhecimento através das imagens.

Quase todos os entrevistados demonstraram que para eles é apenas um mito existente no imaginário geral dos ouvintes de que a mímica e a expressão facial e corporal puras substituem as línguas de sinais. Parece claro que não há uma compreensão efetiva do assunto tratado na comunicação com os surdos se essa não for feita através da língua de sinais. O uso de mímica, gestos, expressões faciais e corporais no máximo possibilitam uma compreensão superficial do assunto tratado, e assim mesmo se este for simples. Isto foi falado em um contexto onde o assunto tratado era o cinema e todos os entrevistados afirmaram que a sua compreensão dos filmes só seria completa se fosse em LIBRAS, mesmo em se tratando de um entrevistado que parece ser possuidor de uma formação política mais sólida do que a dos demais, pois fez abordagens que considero interessantes do ponto de vista de cultura, identidade, política e cidadania, como exemplificado a seguir:

- Eu conheço as histórias do Carlitos, claro, e na minha opinião os filmes são importantes, pois faziam denúncias sociais contra a pobreza, contra os abusos da revolução industrial, era uma forma de mostrar a realidade

na fantasia, pelo menos a realidade da Inglaterra e dos Estados Unidos. Pode ser que no futuro possamos aproveitar a forma como ele filmava para desenvolver aspectos da identidade e da cultura surda, quem sabe?

Sobre a leitura de legendas, uma entrevistada se contradisse quando afirmou que estas a ajudam a compreender totalmente os enredos dos filmes mas, no final da entrevista, quando se confrontou com a pergunta sobre a possibilidade de ver um filme em LIBRAS, falou então das dificuldades encontradas na leitura e compreensão das legendas. Estas dificuldades foram recorrentes entre as respostas, e se referem basicamente a três aspectos: a) ao léxico em português, pobre entre os surdos; b) falta de fluência na leitura, ocasionando um descompasso entre a ação falada e a leitura e compreensão do texto legendado; c) uma dicotomia entre a ação que se passa na tela e a legenda, talvez devido à utilização de apenas um dos sentidos, a visão, para as duas situações. No caso dos ouvintes, há a audição que, mesmo que não haja entendimento do idioma falado, há uma referência da voz de quem falou o que está imediatamente escrito, e a visão e leitura corroboram a impressão causada pela audição, concluindo o entendimento da ação. Além disto, há o problema da velocidade da língua falada e da língua escrita em legenda, que para se adequar tem que passar muito rapidamente, impossibilitando em alguns casos, a sua leitura pelos surdos que não tem domínio da língua.

A roteirização, filmagem, edição, montagem, direção e atuação dos filmes são aspectos determinantes na composição da obra e esta, conseqüentemente, é determinante para a apreensão da mensagem e compreensão do seu significado pelos espectadores. Estas são etapas dos filmes que são sempre feitas por profissionais ouvintes, visando à percepção dos ouvintes. Não há, que eu conheça, profissionais de cinema surdos que participem de forma sistemática dos processos de roteirização, filmagem, edição, montagem, direção e nem sequer atuação. O cinema, mesmo o de Charles Chaplin, é o cinema de ouvintes para ouvintes e, por isto, nunca considera a possibilidade de haver uma forma de apreensão e percepção do mundo diferente daquela que usa a audição como base.

No caso dos surdos, que têm a sua percepção totalmente imagética, sem uso da audição, o cinema legendado faz com que sintam uma espécie de dicotomia entre ação e legendagem e falta de conexão entre diálogos falados e

movimentação cênica. Se é assim no cinema legendado, eu concluo que o desconforto pode ser ainda maior para os alunos surdos que tentam estudar através de interfaces escritas em português no ambiente virtual. Em contrapartida, os entrevistados foram unânimes em afirmar que o que mais gostavam e o que mais tinham facilidade de compreender eram os tópicos das disciplinas mostrados em vídeos, em LIBRAS, como os exemplos a seguir:

- Bem, eu gosto muito das janelas em que o conteúdo nos é passado em LIBRAS, pois é objetivo, claro, direto. Gosto muito.
- Eu só gosto do que está em LIBRAS.
- As janelas que estão em LIBRAS são perfeitas. Dá pra gente entender tudo perfeitamente, ao contrário das janelas com textos em português, que eu não consigo entender o conteúdo, pois não é a minha L1. É preciso fazer a tradução de todo o conteúdo das matérias para LIBRAS, ou pelo menos com exemplos em LIBRAS do que está escrito em português, isto seria importante para a compreensão.
- Acho fácil a forma como aparecem as janelas. Também gosto da opção de janelas com o texto em LIBRAS, pois em português é muito difícil. Isto é o que eu mais gosto: tudo o que está em LIBRAS, pois é claro e fácil de entender. Outra coisa que eu gosto é a videoconferência, um misto de aula presencial e virtual, com o conteúdo mesclado, muito bom.

Todas as referências acima tratam da fluidez com que as atividades em LIBRAS acontecem, sugerindo um clima de emoção e sentimentos positivos no ambiente acadêmico e no tempo de estudo feito em língua de sinais. Até mesmo a videoconferência é citada, e isto me chamou a atenção, pois esta é uma atividade que é feita em LIBRAS e assim fica ratificada a facilidade de entendimento do conteúdo programático de cursos voltados a alunos surdos quando os assuntos, teores, conceitos e idéias de textos, obras, filmes etc. está veiculado na língua da cultura surda, que é a língua do povo surdo, a língua de sinais. A legibilidade, usabilidade e agradabilidade das interfaces do curso Letras-LIBRAS veiculadas em LIBRAS foi citada por absolutamente todos os alunos entrevistados, assim como, em contrapartida, todos fazem afirmações peremptórias sobre o estranhamento, desconforto e as dificuldades de entendimento do conteúdo que está em português.